



DOSSIÊ: A ESCRITA ACADÊMICA A PARTIR DE DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS
ARTIGO ORIGINAL

Discurso, autoria e efeitos de sentido na escrita acadêmica

Discourse, authorship and effects of meaning in academic writing

Mônica Ferreira Cassana 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - monica.cassana@ufrgs.br

Como citar o artigo

CASSANA, M. F. Discurso, autoria e efeitos de sentido na escrita acadêmica. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 23, n. 2, DT10, 2024.

Resumo

Neste artigo, objetivamos analisar a escrita acadêmica do ponto de vista da Análise de Discurso materialista, fundamentada por Michel Pêcheux. A partir do referencial teórico consolidado na área, buscamos compreender como as noções de texto, escrita e autoria podem fundamentar o gesto analítico empreendido neste trabalho. O corpus de análise está composto por sequências discursivas recortadas de textos produzidos por alunos do primeiro semestre de um curso de graduação da área das Ciências Sociais Aplicadas. A partir da seleção dessas sequências, com base em um gesto de interpretação que articula o movimento pendular próprio da Análise de Discurso, demonstraremos como, a partir de uma regularidade, distintos saberes são linearizados, transparecendo um dizer autoritário que provoca um efeito de distanciamento entre sujeito e língua.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Sujeito. Língua. Escrita acadêmica.

Abstract

In this paper, we aim to analyze academic writing from the point of view of materialist Discourse Analysis, grounded in the work of Michel Pêcheux. Based on the consolidated theoretical framework in the area, we seek to understand how the notions of text, writing and authorship can support the analytical gesture undertaken in this work. Our corpus of analysis is composed of discursive sequences extracted from texts produced by first-semester students of an undergraduate course in the field of Applied Social Sciences. Through the selection of these sequences, based on a gesture of interpretation that articulates the pendular movement inherent to Discourse Analysis, we will demonstrate how, through on a regularity, different forms of knowledge are linearized, revealing an authoritarian discourse that creates a sense of distance between subject and language.

Keywords: Discourse Analysis. Subject. Language. Academic writing.

Fonte de financiamento: Nenhum.

Conflito de interesse: A autora declara não haver.

Recebido em: 08 Abr 2024. Aprovado em: 03 Jun 2024.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial No Derivative, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.

1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar nos cursos de graduação e ter contato com a escrita acadêmica, os estudantes de ensino superior, principalmente em semestres iniciais do seu curso, são apresentados a textos que até então nunca haviam tido contato no percurso escolar. Assim, os textos universitários, especialmente os primeiros textos produzidos nesse espaço, costumam trazer resquícios de elementos de escrita já conhecidos pelos acadêmicos, como os textos produzidos na esfera escolar, especialmente aqueles denominados dissertativos-argumentativos, os quais são comumente avaliados em contextos de exames vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nesse sentido, é comum que os estudantes cheguem à universidade com a ilusão de domínio de estruturas textuais e linguísticas, desconhecendo hipóteses mais complexas, como as diferentes concepções de língua, de escrita, e as diferentes estruturas textuais envolvidas nesse processo.

Esse é um efeito esperado pelo professor, uma vez que o aluno irá mobilizar os saberes que já possui a respeito de um texto para construir outros que envolvam saberes mais complexos ou ainda desconhecidos. No entanto, é preciso analisar de forma mais aprofundada as características desses textos, de modo a compreender não apenas os aspectos estruturais, mas os processos de ordem interpretativa envolvidos na escrita, que, por vezes, não leva em consideração as condições de autoria dos textos produzidos.

Por isso, entendemos que há uma ruptura entre a noção de texto desenvolvida no espaço escolar e a noção de texto acadêmico, que será priorizada na universidade. Neste artigo, partiremos de uma experiência na sala de aula da turma de graduação para investigar como os textos produzidos na universidade carregam resquícios de outros textos produzidos ao longo da vida escolar dos alunos. Essa memória discursiva que é ancorada na/a partir da produção de texto manifesta o atravessamento de discursos outros, que sustentam o texto acadêmico, a partir da noção de autoria.

Para entender como a autoria pode ser pensada na construção de textos acadêmicos, adotaremos, neste trabalho, a perspectiva teórica da Análise de Discurso materialista (doravante AD). Nessa concepção teórica, o texto se configura como lugar para a interpretação, em que posições distintas são tomadas pelos sujeitos, que se convertem, então, em sujeitos-autores. Entendemos que, para isso, é necessário refletir sobre o modo como sujeito e língua se articulam na produção de um texto acadêmico, compreendendo que nunca lidaremos com a totalidade do texto, ou seja, nunca chegaremos a um texto totalmente coerente ou organizado, já que ele é fruto de uma relação com o um sujeito historicamente situado. Portanto, a perspectiva de língua da AD nos faz questionar tal possibilidade, uma vez que a teoria trabalha com o “efeito da objetividade, levando em conta o deslize, o equívoco, a ideologia” (ORLANDI, 2007, p. 83).

Esses elementos, no entanto, não impedem que o sujeito escreva um texto acadêmico que esteja em consonância com os saberes que circulam academicamente, os quais devem levar em consideração a objetividade e a clareza das ideias. Ao mobilizar essas questões, o sujeito se coloca no limiar entre aquilo que deseja escrever e as impossibilidades da língua. Para examinar como ocorre essa relação, propomos analisar alguns recortes de textos acadêmicos de modo a fazer uma reflexão sobre como os sentidos outros irrompem no texto, mostrando que o sujeito não controla totalmente a língua, mas tenta organizá-la a partir de determinadas condições de produção.

Objetivamos compreender como a escrita acadêmica, pensada através da AD, pode mobilizar uma noção de língua cindida, que se estende a outras cadeias discursivas (INDURSKY, 2015, p. 79). Tais espaços se referem a saberes de ordens diferentes, que apontam para posicionamentos distintos do sujeito-autor, que, por sua vez, é efeito de uma língua profundamente opacificada. Nosso interesse é demonstrar como o trabalho da autoria e da interpretação dependem das posições que sujeito-autor ocupa, passando também pelo lugar do outro, lugar onde saberes se concretizam e que irrompem na linearidade discursiva.

Neste artigo, em especial, demonstraremos como os sujeitos-autores inscrevem-se no texto, e como as sequências discursivas analisadas demonstram esses modos de filiação a

um discurso outro, por vezes autoritário e distante do sujeito. Nossa hipótese é a de que, ao escrever, o sujeito-autor não leva em consideração o imaginário de sujeito-leitor, escrevendo apenas para cumprir uma tarefa ou para, ainda, “transmitir” uma informação. Analisaremos, dessa forma, como a autoria se constitui através de um efeito de evidência dos saberes produzidos no texto.

2 ESCRITA, ESCRITURA E AUTORIA

Como analistas de discurso, entendemos o texto como o local privilegiado para que possamos analisar as noções de leitura e de escrita. Sendo assim, partimos do pressuposto de que o texto é uma materialidade de análise, em que podemos ver as injunções da ideologia, já que, conforme Orlandi,

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura (ORLANDI, 2012, p. 63).

A partir das palavras da autora, observamos que as noções de texto e de discurso são bastante flutuantes. Dizemos que o texto é a materialidade do discurso, uma vez que, olhando para os textos, o analista pode identificar posicionamentos do sujeito e as filiações ideológicas de sentido as quais são perpassadas no processo de escrita. Desse modo, o texto não pode ser visto como um produto acabado, mas um processo singular, em que podemos perceber as injunções históricas e ideológicas que atravessam o sujeito que escreve. Portanto, em um texto, vários discursos podem estar atravessados, suportados. A produção de autoria está relacionada à forma como esse processo é tomado pelo sujeito-autor.

Dessa forma, ao relacionar a teoria da AD ao processo de escrita acadêmica, observamos os percursos pelos quais o sujeito-autor se movimenta ao produzir seu texto. Compreendemos, assim, que a escrita acadêmica mobiliza saberes que se articulam imaginariamente em torno da clareza e objetividade, de maneira que o pensamento produzido no âmbito acadêmico possa ser comunicado sem interferências, ruídos ou equívocos. A configuração do texto, que remete às considerações da comunidade acadêmica e/ou científica prevê que essa estrutura seja o mais determinada possível, de modo que as ideias circulem e sejam compreendidas e desenvolvidas pelos pares.

Assim, a escrita acadêmica requer que a autoria seja produzida a partir de um recorte entre o já-dito e o novo, garantindo uma produção que se movimenta entre a paráfrase, o saber/dizer de outros autores, e a polissemia, ou seja, a possibilidade de dizer o novo, o diferente, ainda que baseado nas formulações já sabidas. Essa posição demanda que o sujeito-autor produza um texto que se pretende harmônico, inteiro, objetivo. Conforme Lagazzi-Rodrigues (2015, p. 109), “os efeitos de fecho, de unidade, de coesão e coerência se impõem no dia-a-dia”.

Orlandi (2012, p. 74) diz que a “autoria é uma função do sujeito”. Com base no pensamento foucaultiano, a autora afirma que “há processos internos de controle do discurso que se dão a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, visando domesticar a dimensão de acontecimento e de acaso do discurso. Normatizando-o, diríamos.” (ORLANDI, 2012, p. 74). Dessa forma, a noção de autor teria uma função “restritiva e coercitiva” (ORLANDI, 2012, p. 75) e, segundo Orlandi, uma vez que o sujeito-autor teria essa possibilidade de controlar o dizer, legitimando e balizando os saberes.

Essa perspectiva especular, como se o texto/discurso fosse um efeito do pensamento, sem rupturas e sem desvios, indica que o sujeito-autor do texto tem o desejo de dominar os saberes inscritos, de controlar a forma como as palavras podem e devem ser ditas. Em um texto acadêmico, a autoria seria muito mais controlada do que em um texto ficcional, por exemplo. Conforme Orlandi:

Sendo a autoria a função mais afetada pelo contato com o social e as coerções, ela está mais submetida às regras das instituições e nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares. Se o sujeito é opaco e o discurso não é transparente, no entanto, o texto deve ser coerente, não-contraditório e seu autor deve ser visível, colocando-se na origem do seu dizer (ORLANDI, 2012, p. 75).

Por isso, é necessário pensar essa função para além da ideia de controle, possibilitando a assunção da autoria, ou seja, de um modo de o sujeito estar no texto, não de uma forma totalizadora, impossível para os fundamentos da AD. A autoria de que se trata diz respeito a uma forma de o sujeito transparecer nos textos, de maneira fragmentada, heterogênea, permitindo ao sujeito o exercício da função-autor. Assim, através de indícios, de marcas discursivas, um texto se formularia, de forma única, irrepetível.

Sobre a passagem à função-autor, Lagazzi-Rodrigues (2015, p. 100) afirma que “o termo função retira da figura do autor qualquer caráter intrínseco e a situa na relação com a exterioridade que a constrói, situa o autor na história”. Ainda, segundo a autora, o termo função-autor, originado no domínio do pensamento foucaultiano, diz respeito ao “fato de não se exercer uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2015, p. 101). Dessa forma, entendemos que a função-autor, ainda no pensamento proposto por Foucault, é uma função que se relaciona à legitimação dos dizeres, já que, para o filósofo francês, o autor não é aquele entendido “como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, [1971] 1999, p. 26).

Já para Gallo (2001, p. 2), a autora propõe que a noção de função-autor seja vista em relação “à função enunciativa do sujeito do discurso”, ou seja, em relação à “heterogeneidade interna a uma formação discursiva dominante, que ganha aí seu movimento e sua unidade sem perder, com isso, sua dominância” (GALLO, 2001, p. 2). Essa forma proposta pela autora mostra que a função-autor está atravessada por saberes ideologicamente diferentes que parecem ser discursivamente linearizados pelo autor, como se fossem logicamente estáveis.

Para a AD, então, muito mais do autor, em um texto se desvela uma função de autoria. Na teoria da Análise de Discurso, os elementos teóricos de que o analista dispõe para efetuar seu gesto de análise são tomados a partir de uma trama conceitual que entrelaça diferentes noções. Portanto, tais noções devem ser mobilizadas no percurso teórico que fazemos neste trabalho para que possamos perceber seus efeitos na apresentação e análise de nosso corpus.

Por outro lado, a escrita acadêmica é considerada uma escrita polida, coerente e, sobretudo, uma escrita em que a autoria fica “evidente”, com a “assinatura” do autor. Essa seria uma visão mais coercitiva da língua, em que o sujeito pudesse ter controle do que diz, sendo a origem dos saberes. Está relacionada ao pensamento científico, sobre o qual Pêcheux afirma:

Na verdade, todo “ponto de vista” é o ponto de vista de um sujeito; uma ciência não poderia, pois, ser um ponto de vista sobre o real, uma visão ou uma construção que representasse o real (um “modelo” do real): uma ciência é o real sob a modalidade de sua necessidade-pensada, de modo que o real de que tratam as ciências não é senão o real que produz o concreto-figurado que se impõe ao sujeito na necessidade “cega” da ideologia (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 168).

Na perspectiva da AD, podemos pensar na teoria dos esquecimentos, desenvolvida por Pêcheux, o qual entende que, no esquecimento número 1, o sujeito estaria no controle do que diz, enquanto no esquecimento número 2, o sujeito poderia selecionar, no interior de uma formação discursiva, o que deseja falar¹. Uma vez que o sujeito está (des)amparado pelos

¹ Conforme Pêcheux, 2009 [1975].

esquecimentos em sua relação com a língua, acredita que produz um texto/discurso claro, exatamente da forma como pensou.

Partimos, portanto, do pressuposto defendido por Orlandi (2007, p. 9), de que a "interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem". Dessa forma, todo dizer está aberto à significação, sendo impossível conceber um início e um fim para o sentido. Mesmo assim, ao lidar com o texto – a materialidade em que o discurso significa – é necessário que os efeitos de início e de fecho sejam contornados, de forma a possibilitar que o sujeito-leitor "encerre" sua atividade de leitura. Esse "encerramento" do processo de leitura, e, por extensão, de escrita, é uma atividade ilusória, uma vez que o discurso não tem fim nem começo. Sua materialização na superfície textual é de natureza orientativa, organizacional, necessária à delimitação do texto.

A autoria é, portanto, aquilo que se descola do conteudismo das relações "termo-a-termo entre pensamento-linguagem-mundo, como se a relação entre as palavras e as coisas fosse uma relação natural e não linguístico-histórica" (ORLANDI, 2007, p. 64). No processo de autoria, portanto, o sujeito ocupa uma posição de autor. No corpus analisado neste trabalho – que será detalhado mais adiante – observaremos que a posição assumida pelos sujeitos autores está relacionada a uma memória daquilo que se tem sobre o processo de escrita e a atualidade de sua posição como sujeitos ingressantes em um curso de graduação, potencialmente autores de um texto acadêmico/científico.

Em textos mais abertos, como aqueles do âmbito da literatura ou do registro ficcional, é possível perceber com mais criatividade, a forma como a autoria vai sendo constituída. No entanto, em textos de natureza mais consistente, como o caso de textos acadêmicos, não é possível perceber com clareza os processos de interpretação, autoria e subjetividade inerentes. Além disso, a necessidade de lidar com as referências bibliográficas e com o pensamento já consolidado de autores e trabalhos anteriores não permite ao sujeito a escrita de um texto mais aberto à interpretação.

Conforme Motta-Roth e Hendges (2010, p. 14), "na cultura acadêmica, a produtividade intelectual é medida pela produtividade na publicação". Dessa forma, as autoras se questionam criticamente a respeito do modo como a produção acadêmica é vista na sociedade, o que muitas vezes privilegia a quantidade em relação à qualidade. No entanto, a produtividade, do ponto de vista da AD, não está relacionada à quantidade de trabalhos publicados ou à quantidade de citações, mas aos movimentos parafrásticos realizados pelos sujeitos no processo de leitura e escrita. Orlandi distingue a produtividade da criatividade, dizendo que:

A "criação" em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo. Por exemplo: produzimos frases da nossa língua, mesmo as que não conhecemos, as que não havíamos ouvido antes, a partir de um conjunto de regras de um número determinado (ORLANDI, 2012, p. 37).

Portanto, a produtividade, para a AD, está relacionada à repetibilidade dos sentidos. Assim, escreve-se o "mesmo", ainda que de formas diferentes. Esse processo, no texto acadêmico, pode demonstrar a adesão aos sentidos que já circulam em determinada área ou a necessidade de desenvolver o pensamento científico de forma mais aprofundada. Orlandi ainda afirma que, para haver criatividade, é preciso que "um trabalho que ponha em conflito o já-produzido e o que vai-se instituir. Passagem do irrealizado ao possível, do não-sentido ao sentido" (ORLANDI, 2012, p. 38). Entendemos que, considerando o pouco contato dos estudantes de graduação com a atividade científica mais complexa, a produção de textos acadêmicos, nesse estágio, estaria relacionada à ordem da produtividade. Em nossas análises, pretendemos demonstrar como esse movimento ocorre nos textos.

Por isso, Mittmann (2016) aborda a autoria como um movimento que ocorre em um "jogo entre a repetição e a atualidade" (p. 10). A autora afirma que "a natureza do discurso é da

ordem do repetível, do já-lá presente no interdiscurso e dos saberes das formações discursivas, que intervêm, sob a forma da repetição, na sustentação de cada novo discurso” (MITTMANN, 2016, p. 10). Ao atualizar, ou seja, significar diferentes saberes no âmbito da linearidade, os sujeitos-autores encontram seu modo de dizer, que pode estar relacionado a um modo mais tradicional e mais relacionado à forma como foram ensinados a dizer em espaços como a escola. Por outro lado, os sujeitos-autores também podem ressignificar, trazer o novo, constituindo saberes que sustentam outros sentidos. Salientamos que o movimento de autoria faz com que esses diferentes saberes tomem a forma de unidade.

No entanto, Mittmann também destaca que autoria não é uma questão interna ao discurso, configurando-se também como uma função enunciativa e social, que produz um “efeito de responsabilidade pelo que se diz” e que “se faz presente na ilusão necessária para que se possa dizer, ou seja, para que o sujeito possa se constituir como sujeito de seu dizer” (MITTMANN, 2016, p. 10-11). Esse gesto de responsabilidade permite ao sujeito entender – a partir dos gestos de leitura, escrita e reescritura – que seu texto está adequadamente formulado para circular nos espaços, especialmente o acadêmico, como é o caso das análises efetuadas neste trabalho.

A partir dessa reflexão sobre esse efeito de responsabilidade do autor na produção da autoria, podemos mostrar as considerações formuladas por Rasia e Cazarin, a respeito das noções de escrita e escritura. Segundo as autoras, a escrita pode ser tomada como “o processo de legitimação e transcrição da língua, mais precisamente, de uma variedade lingüística de prestígio” (RASIA; CAZARIN, 2008, p. 150). Já a noção de escritura é referida como um “gesto de interpretação do sujeito que, quando do processo de interpretação, e posterior (re)textualização, apresenta-se como responsável por aquilo que escreve” (RASIA; CAZARIN, 2008, p. 150).

As autoras afirmam que “no processo de escritura, o texto precisa ser ‘desconstruído’ através da leitura para, a partir disso, ser (re)textualizado de forma a produzir um efeito texto com início, progressão, não-contradição e conclusão” (RASIA; CAZARIN, 2008, p. 153-154). No processo de escritura, portanto, o sujeito se inscreve discursivamente, posiciona-se no texto de forma autoral. Assim, o processo de escritura leva em consideração a leitura, os textos anteriores e a exterioridade.

Relacionado a essa atividade única e irrepitível para cada sujeito, podemos perceber o movimento de autoria. Essas colocações permitem entender que, do ponto de vista dos efeitos de sentido, da interpretação e das relações de antecipação², um texto nunca será igual ao outro, uma vez que um texto não pode ser produzido levando em consideração as circunstâncias imediatas, mas as condições de produção sócio-históricas, o percurso dos sentidos.

3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE

Como forma de demonstrar o percurso estabelecido para compor nosso corpus de análise, recorreremos à distinção entre texto e discurso como categorias teórico-analíticas. Consideramos que trabalhamos no movimento do arquivo, isto é, “mergulhando na materialidade dos textos” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, [1979] 2010, p. 182). Conforme os autores, “o retorno ao arquivo abre então à análise de discurso possibilidades múltiplas. Longe de ser metodologia auxiliar para os historiadores, uma aventura sem margens para os linguistas, esta pode encontrar nela mesma critérios de inteligibilidade” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, [1979] 2010, p. 183).

Segundo Orlandi (2012, p. 63), “a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas”. A autora faz referência ao movimento pendular próprio da AD, que leva em consideração a

² As relações de antecipação (Pêcheux, 2010 [1969]) têm a ver com as representações entre os sujeitos envolvidos em um processo discursivo, podendo, neste trabalho, estarem identificados como os sujeitos-autores e sujeitos-leitores de um texto.

construção do corpus e o estabelecimento das sequências discursivas que serão analisadas, conforme os critérios estabelecidos pelo analista, quanto os princípios teóricos que balizam e sustentam a teoria discursiva.

De forma a mostrar o percurso teórico-metodológico realizado, trabalhamos com um arquivo que se constitui de textos acadêmicos produzidos por alunos do primeiro semestre de um curso de graduação da área de Ciências Sociais Aplicadas. Como proposta de atividade, os estudantes escreveram um artigo com o tema do consumo/consumismo, relacionando tais temas à sua área, de forma a praticar o desenvolvimento dessa temática junto ao seu campo de atuação. Tais textos foram solicitados como parte do processo de avaliação da disciplina de Leitura e Produção de Textos. A produção dos textos se deu em um processo de leitura e discussões acerca do tema em aulas anteriores, em que exercícios de leitura e escrita foram produzidos, investigando as formas de posicionamento dos autores nos textos selecionados. Os alunos discutiram textos diversos que respaldaram a produção escrita, realizando a leitura de artigos de opinião, reportagens e entrevistas que traziam posicionamentos diferentes.

Nesses textos de suporte, pode-se perceber a presença de discursos diferentes. Por exemplo: em alguns textos, os autores relacionam as práticas de consumo ao empreendedorismo e à necessidade de desenvolvimento da sociedade. Outros textos mostravam os efeitos do consumismo em relação ao meio ambiente ou a práticas de consumo exageradas, que levavam a sociedade a um esvaziamento cultural. Por isso, entendemos ser importante observar como esses diferentes discursos estavam sendo linearizados, de forma a compreender os processos de determinação e contenção de sentidos. Esses elementos foram importantes para que a heterogeneidade de posições, como discutida em Gallo (2001), pudesse ser tomada como um possível dispositivo de análise, na leitura e organização do corpus.

Ao analisarmos os textos com atenção, identificamos algumas regularidades no processo de escrita. Essas regularidades trouxeram uma memória de uma escrita mais escolar, mais formatada, que produz um efeito de evidência através de uma estrutura sintática bastante utilizada em textos que se pretendem “impessoais”. Nossa inquietação diz respeito à utilização dessa estrutura como uma possibilidade de apagamento do percurso dos sentidos, produzindo um saber de sempre-já-aí.

A seguir, para demonstrarmos como se efetuou nosso gesto de interpretação para a construção do corpus, apresentaremos algumas sequências discursivas (SD) que ilustram a forma de tal regularidade. Destacamos que – como unidade de análise – os mesmos textos podem demonstrar outros gestos de interpretação. O recorte, portanto, foi feito, com base na recorrência desse tipo de estrutura, que despertou nossa atenção quanto ao uso de vocábulos, especialmente adjetivos, que expressam saberes relacionados à exatidão, à precisão dos enunciados. As sequências discursivas selecionadas puderam ser reunidas porque contêm uma estrutura comum, expressada pela estrutura sintática da oração subordinada substantiva subjetiva.

SD1 - Embora a sociedade de consumo promova o crescimento econômico, *é imprescindível considerar* os efeitos negativos e buscar alternativas equilibradas e sustentáveis para o futuro.

SD2 - Portanto, ao analisarmos as teses defendidas, *é nítido analisar* que o desafio é grande, mas a recompensa, a qual oferece um futuro mais justo e próspero para todos, é incalculável.

SD3 - Diante desses problemas, *é essencial repensar* o relacionamento que as pessoas têm com o consumo.

SD4 - *É imperativo agir* agora para criar um futuro mais sustentável e equitativo.

SD5 - *É vital considerar* não apenas o porquê do consumo, mas também a urgência de refletir sobre nosso papel.

SD6 - No entanto, *é crucial questionar* essa narrativa e considerar as implicações mais amplas da sociedade de consumo.

As sequências acima demonstram uma circularidade no processo de escrita que passa pela utilização de uma mesma estrutura, que produz em efeito de sedimentação dos sentidos. O uso dessas estruturas, nesse caso, pode ter relação com a polidez do texto, evitando assim o uso excessivo de conectivos, como o “que”. Além disso, o uso dessas estruturas nos textos analisados desvela indícios de um dizer mais polido e mais objetivo, característicos da escrita acadêmica. Por parte do sujeito-autor, esse dizer pode estar relacionado a um sentido de certeza, uma vez que essa formulação é categórica.

No entanto, do ponto de vista discursivo, essa análise pode ser um pouco mais aprofundada e apontar sentidos outros, que não apenas relacionados à perspectiva sintática. Notamos que os textos são construídos para atender a um caráter de impessoalidade, como se o sujeito-autor do texto pudesse ser apagado. Esse apagamento, todavia, é produzido pelo movimento de interpelação produzindo um discurso imaginário “fora do sujeito”. Esse funcionamento é característico do pré-construído. A unidade discursiva é tomada na contenção das “bordas” do texto, no movimento de escritura produzido pelo sujeito que recorta saberes de diferentes lugares e os lineariza, como se estivessem sendo produzidos naturalmente.

Segundo Pêcheux (2009 [1975], p. 158), “é nesse reconhecimento que o sujeito “se esquece das determinações que o colocaram no lugar em que ele ocupa – entendamos que, sendo “sempre-já-sujeito”, ele “sempre-já” se esqueceu das determinações que o constituem como tal”. O autor ainda afirma que esse é o caráter do assujeitamento ideológico. Tal assujeitamento permite compreender o funcionamento do pré-construído como “àquilo que todo mundo sabe”, isto é, aos conteúdos de pensamento do sujeito universal” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 158-159). Dessa maneira, no corpus analisado, questionamo-nos como as regularidades encontradas podem indicar tal pensamento, como a busca por uma forma definitiva de expressar um sentido.

A discursivização de palavras como “imprescindível” e “essencial”, na SD1 e SD3, respectivamente, podem desvelar sentidos que remetem à necessidade de conhecimento, por parte do sujeito-leitor, da situação abordada no texto. Essa perspectiva é de ordem da interpretação, uma vez que o sujeito-autor se antecipa ao sujeito-leitor, dizendo o que deve ser feito e de que modo deve ser feito. Notadamente, podemos perceber que nesse discurso há um “retorno de saber no pensamento”, sobre o qual nos fala Pêcheux (2009 [1975], p. 114), isto é, uma tomada de posição do sujeito que é “mascarada” pelo efeito da ideologia.

Na SD2, ao dizer que “é nítido”, o sujeito-autor do texto demonstra, em relação ao seu leitor, que não apenas suas palavras são transparentes, mas que elas espelham a realidade, como se a língua, em sua forma escrita, fosse um reflexo do pensamento. Aqui, o movimento, além da ordem da interpretação, dá indícios de um controle sobre a escrita: o autor acredita que pode escrever exatamente aquilo que pensa. Novamente, podemos pensar na teoria dos esquecimentos, em que a relação de exterior-interior provocada pelo efeito da ideologia é apagada, dando ao sujeito a impressão de um dizer controlado, de uma relação especular entre pensamento e palavra.

Já nas SD4, SD5 e SD6, o uso de elementos como “imperativo”, “vital” e “crucial”, demonstram como o texto serve de alerta para o sujeito-leitor. O sujeito-autor mostra as consequências, a necessidade de seguir tomando suas palavras como um guia, uma referência. A discursivização desses significantes recupera uma memória de algo indiscutível, como se não houvesse espaço para a interpretação por parte do sujeito-leitor. Em nossa concepção, esse gesto delinea um dizer autoritário, que não deixa espaço para o divergente, para o diferente.

Em geral, as sequências discursivas analisadas denotam esse aspecto de consolidação de sentidos, efetuado pelo sujeito-autor. A partir da discursivização dos elementos vistos na análise, refletimos sobre a construção de um texto homogêneo, como se fosse seu objetivo dar um encerramento ao saber, dar uma “palavra final”. Essas construções nos permitem refletir e discutir sobre como a noção de texto – e as noções circunvizinhas de leitura e escrita – se manifestam na discussão dos efeitos de sentido sobre a autoria na escrita acadêmica. Os textos produzidos parecem desvelar um desejo de construção da “verdade” e da “realidade” em torno de um determinado assunto.

As sequências discursivas analisadas nos permitem compreender que o sujeito-autor tem, em seu imaginário, o controle sobre a língua, como se houvesse uma relação inequívoca entre aquilo que quer dizer e o que escreve. Essa forma de organização sintática permite a existência de sentidos advindos do interdiscurso que deveriam ser compartilhados pelo sujeito-leitor. No entanto, esse texto aponta para um distanciamento entre a língua e o sujeito, pois instaura um sentido lacunar, que pode ou não ser recuperado pelo sujeito-leitor, mas que transparece, no texto, como uma evidência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar como certas regularidades encontradas no processo de escrita de textos acadêmicos de alunos ingressantes em um determinado curso de graduação nos permitem reconhecer traços de uma escrita mais escolar, fortemente influenciada por textos como os textos dissertativos e de avaliação para o ENEM e os exames vestibulares. No entanto, nossa análise demonstrou que, como todo dizer está relacionado àquilo que é produzido antes e em outro lugar, a escrita acadêmica também se torna um saber atravessado pela equívocidade.

Entendemos, do ponto de vista da AD, que esses modos de dizer, no texto acadêmico, podem constituir, muitas vezes, um dizer autoritário que pretende não deixar brechas à interpretação. Essa noção de texto está ligada à ideia de que aquilo que é formulado no âmbito da academia deve estar relacionado ao campo da “neutralidade” e espelhamento com a realidade e, portanto, fechado aos deslizamentos da interpretação.

Assim, o movimento autoral de significação do texto por parte do sujeito-autor passa pelo esquecimento da determinação ideológica a que está submetido, na tentativa de produzir um texto imaginariamente homogêneo, coerente e coeso. Compreendemos, então, que essa tentativa, ainda que legítima e necessária, não é possível do ponto de vista da AD, pois o sujeito-autor possui controle sobre o que afirma.

As noções teóricas abordadas ao longo de nosso referencial demonstram que todo dizer está relacionado a uma produção de autoria. Dessa forma, a autoria é legitimada pelo sujeito-autor, ainda que produza um texto marcado pelo distanciamento, uma vez que é afetado por uma noção de língua profundamente cindida e opacificada. Esse processo de autoria se constitui no próprio texto, quando o autor se movimenta entre saberes de ordens distintas, organizando-os textualmente, na tentativa de produzir o novo. Assim, as regularidades notadas nos textos analisados apresentam posições de autoria em que se observa o confronto entre aquilo que o sujeito escreve e os sentidos inacessíveis a ele, sobre o qual pensa ter controle sobre o que afirma.

Ao longo desse texto, procuramos compreender os efeitos da escrita escolar, mais determinada e restrita, no texto acadêmico. Mostramos que o sujeito-autor consegue posicionar-se no texto à sua maneira, produzindo textos significativos, ainda que relacionados a saberes mais coercitivos e de ordem parafrástica. Nosso gesto de conclusão indica que, ainda que o processo de escrita acadêmica seja afetado pela busca pela transparência do dizer, é importante ressaltar a relevância da reflexão sobre a produção de textos significativamente autorais ao longo do processo formativo dos estudantes, especialmente durante a graduação.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970 [1971]. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- GALLO, S. Autoria: questão enunciativa ou discursiva. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 1, número 2, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/172/186>. Acesso em: 11 jan. 2024.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos de arquivo: a análise de discurso no lado da história [1979]. In: ORLANDI, E. et al. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3 ed. Campinas: editora da Unicamp, 2010, p. 161-183.
- INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2015, p. 37-82.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2015, p. 90-113.
- MITTMANN, S. Apresentação - Princípios fundamentais e questões (não tão) particulares sobre autoria. In: MITTMANN, S. *A autoria na disputa pelos sentidos*. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2016.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10 ed. Campinas: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. Por uma análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux [1969]*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp. 2009.
- RASIA, G.; CAZARIN, A. E. Os gestos de leitura-escritura em uma perspectiva discursiva. *Lublin studies in modern languages and literature*, Polônia, v. 32, 2008. Disponível em: <<https://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-aa624c30-7b3a-4fdf-8d66-081e4ce3813a>>. Acesso em: 11 jan. 2024.